

ANGOLA

CULTURA E REVOLUÇÃO



DU

centro de estudos
angolanos

C. E. A.

secção da mulher

PORQUE LUTA A MULHER ANGOLANA

CADERNO N.º

3

8 de Março de 1966

Em 1910, na cidade de Copenhaga onde se reunia uma Conferência Internacional, decidiu-se, sob proposta da militante alemã Clara Zetkine dedicar o 8 de Março ao DIA INTERNACIONAL DA MULHER

Hoje, 8 de Março significa luta, libertação, emancipação da mulher como contribuição à luta dos povos oprimidos e das classes exploradas. Os regimes fascistas e todos os regimes reaccionários recusam-se a aceitar o significado desta data, da mesma maneira que não aceitam de braços cruzados a luta dos povos e das classes oprimidas. Eles repudiam o 8 de Março da mesma maneira que repudiam o 1º de Maio, dia internacional dos trabalhadores, ou 21 de Fevereiro, data que celebra a luta universal contra o colonialismo.

O dia 8 de Março não é pois festejado nos países onde a democracia foi calcada aos pés pela burguesia arrogante que tem ainda o poder para reprimir as massas trabalhadoras.

Angola encontra-se dentro destes países onde a repressão procura impôr-se à força revolucionária do povo. Mas a força revolucionária do povo não pode ser indefinidamente contida pela vontade de de uma minoria exploradora, mesmo que essa minoria tenha consigo poderosos instrumentos de repressão e intimidação. O colonialismo português será derrotado. Hoje, a força revolucionária do povo angolano abriu as portas de uma nova Angola, uma Angola livre, onde a exploração colonialista e imperialista não tem lugar; uma Angola justa, onde o povo é senhor das riquezas, onde a mulher realiza o seu verdadeiro papel histórico como ser igual ao homem na sociedade.

Não é em vão que existe uma vanguarda do Povo Angolano, o MPLA, acumulando vários anos de experiência de luta, vários anos de vitórias pequenas e grandes que vão levar Angola à independência completa. Não é em vão também que as mulheres angolanas tomam consciência política, criam a sua organização de vanguarda, a OMA, integrando-se no MPLA, e lutam ao lado dos homens pela vitória final do Povo Angolano.

Com estas realizações e com estes primeiros passos para a vitória, os primeiros aspectos da Angola Independente começam já a desenhar-se. As militantes da OMA são bem uma prova disso, com o seu trabalho tenaz e paciente na mobilização, na assistência aos milhares de angolanos refugiados, na educação da juventude, e mesmo na luta armada contra o dominador estrangeiro.

Hoje celebra-se o 8 de Março nas fileiras da vanguarda da Mulher Angolana, apesar de o colonialismo português oprimir e ex

plorar ainda a maior parte do Povo Angolano. O CEA quis colaborar com essa vanguarda da forma que lhe permite a tarefa a que está dedicado. Por isso reuniu neste pequeno caderno alguns aspectos da situação da mulher explorada no mundo em geral e em Angola, do esforço heróico da mulher na luta contra a exploração e, finalmente, das tarefas que parecem caber em especial à militante revolucionária.

Lamentamos não ter podido, por falta de condições materiais mais desenvolvidas, incluir mais matérias, falar de tantas outras heroínas que tombaram ou se distinguiram na luta, dar uma visão mais larga da luta tenaz da mulher em todo o Mundo e, em especial, da mulher angolana. No entanto, contamos publicar um segundo caderno sobre a mulher, dentro de alguns meses.

Esperamos, no entanto, camaradas, que este pequeno estudo vos seja útil, como já foi a nós próprios; ele deu-nos uma melhor visão dos problemas da mulher na sociedade, assim como o papel da militante revolucionária.

O C.E.A.



A MULHER NA SOCIEDADE ACTUAL

O trabalho foi sempre a base da evolução da Humanidade. Sem o trabalho, não se produzem os meios materiais de que a Sociedade humana necessita para viver; quer dizer, alimentação, ferramentas, vestuário, casas, meios de transporte, máquinas, etc.

Na nossa época, há um grande desenvolvimento das forças produtivas (o conjunto dos instrumentos de trabalho, a terra, os rios, as matérias-primas, e o homem). A produção em enormes quantidades de máquinas cada vez mais complicadas só se pode fazer com um grande avanço da técnica e da ciência e uma participação enorme dos homens e das mulheres na produção.

Dentro das forças produtivas, o HOMEM é o que tem o papel mais importante e determinante no desenvolvimento da sociedade, pois é com o seu trabalho constante que a sociedade se transforma, que a sociedade melhora as maneiras de produzir os bens materiais em maior abundância.

Portanto, os trabalhadores são a riqueza principal duma sociedade.

Por isso, hoje, nos países desenvolvidos, é cada vez maior a participação da mulher no trabalho produtivo, porque a mulher vem aumentar o número dos trabalhadores. Mas enquanto nos países capitalistas a mulher serve só para criar riquezas para os patrões, sendo explorada de todas as formas e trabalhando em penosas condições, nos países socialistas ela participa na criação de riquezas para toda a Nação e sem ser explorada.

1 - Nos países capitalistas

Em todos os países capitalistas, as massas trabalhadoras são ferozmente exploradas e oprimidas pela classe burguesa (com junto dos grandes patrões). Para aumentar os seus lucros e as suas riquezas, a burguesia mantém na maior miséria e na maior miséria e na maior ignorância as massas trabalhadoras.

Em todos os países capitalistas, há uma grande luta de classes. Essa luta faz-se entre a classe operária, que é explorada, e a classe burguesa, que explora. Quando os operários tomam consciência da sua miséria e compreendem que estão a ser explorados, compreendem também que têm de se revoltar. A tomada de consciência da classe operária foi o primeiro passo da grande luta que se trava hoje nos países capitalistas entre operários e patrões.

Nos países colonizados, a situação é ainda mais grave, por que a exploração dos povos das colónias é muito maior. Este é o caso de Angola, que é dominada por Portugal, país capitalista e sub-desenvolvido.

A mulher, nas sociedades capitalistas, é ainda mais oprimida e explorada que o homem. Porquê? Porque numa sociedade capitalista, os burgueses pagam às mulheres e crianças um salário inferior ao do homem. Eles querem, por isso, empregar o maior número possível de mulheres e de crianças, para substituírem os homens, a quem têm de pagar mais. Assim, os lucros da burguesia são cada vez maiores e as suas riquezas aumentam, enquanto que a classe operária vive cada vez mais miseravelmente. Além disso, a mulher está ainda numa situação de inferioridade em relação ao homem. Nem sempre tem o direito a voto, tem acesso a menos empregos, recebe um salário menor, mesmo quando o seu trabalho é igual ao do homem; há mais mulheres analfabetas do que homens.

No entanto, o trabalho das mulheres nos países capitalistas é cada vez mais indispensável: na França, as mulheres representam 34% dos empregados assalariados, em Itália 27%, na Bélgica 31%, na Alemanha Federal 33%, nos Estados Unidos 30%.

Vamos dar o exemplo de um país capitalista desenvolvido - a FRANÇA.

Para obterem mais lucros, os capitalistas franceses mantêm de propósito a mão-de-obra feminina numa situação inferior à do homem. Eles dizem que as mulheres trabalham menos, que o seu trabalho é inferior e de menos responsabilidade, que elas não têm a mesma capacidade para ocuparem certos lugares, etc. Porque é que os capitalistas consideram as mulheres assim? Porque, dum lado, querem ter uma mão-de-obra barata, e, por outro lado, querem

dividir a classe operária; assim, o homem, como não tem muitos empregos, vê na mulher uma concorrente, entrando em luta com ela.

Segundo um estudo feito pelo próprio Ministério do Trabalho francês, em 100 trabalhadoras da indústria, 82 são serventes; 16 têm um emprego um pouco mais especializado e somente 1 ou 2 têm um emprego altamente qualificado (médicas, engenheiras, etc.).

Nos estabelecimentos comerciais, em 100 trabalhadores de balcão, 95 são mulheres e 5 são homens; mas no trabalho de quadros (chefes de secção, guarda-livros, contabilistas, etc), há 90 homens e 10 mulheres.

Nos concursos de administração dos Correios, para o lugar de inspector, as propostas para a admissão de homens são 9 vezes mais que as propostas para a admissão de mulheres.

Em França, assim como em todos os países capitalistas, o trabalho acelerado imposto às mulheres tem grande influência sobre a sua saúde. Mais de 100.000 mulheres são todos os anos vítimas de acidentes de trabalho. Nos Correios, onde existe um grande número de mulheres trabalhando em ritmo acelerado, a percentagem de doenças nervosas em 1963 foi doze vezes maior que em 1948. Mas estas condições de trabalho têm ainda consequências nos futuros partos. Nas fábricas de tecidos do Norte da França, são numerosos os partos prematuros (antes do tempo). É neste sector industrial onde o número de abortos é o mais elevado (62 por mil). É também neste sector onde a mão-de-obra feminina é a mais importante.

Em estudos feitos sobre o emprego de tempo das mulheres em França, concluiu-se que uma mãe trabalhadora efectua 15 a 16 horas de trabalho por dia. Essas horas são empregues no trabalho da casa, no emprego e ainda no trajecto que ela faz para ir para o emprego. Muitas vezes esse trajecto é feito a pé, dada a falta de meios de transporte ou de dinheiro para os pagar. Além disso, elas moram longe dos empregos, porque, nas cidades, a renda de casa é muito cara. Mais ainda: são obrigadas a deixar os seus filhos sozinhos, sem educação nem protecção. Há poucas creches e jardins-escolas, onde os filhos possam ser cuidados, na ausência das mães. Tudo isto para ganharem um salário miserável.

O próprio Governo verificou a necessidade de uma creche para 20.000 habitantes (o que, mesmo assim, é pouco), mas actualmente existe só uma creche para cada 100.000 habitantes.

Com estas condições de trabalho, uma mulher trabalhadora tem uma média de 100 horas de trabalho por semana.

Por outro lado, o ensino, em França, é condicionado à política imperialista. Quer dizer: enquanto o Estado gasta 32% do seu orçamento com as despesas militares, gasta somente metade da quele dinheiro com o ensino.

No ensino, também a mulher está em posição desvantajosa. Em cada 100 raparigas, de 14 a 17 anos, só 9 seguem os seus estudos, 17 aprendem um ofício e 74 ficam sem profissão e com poucos estudos. Nas escolas para adultos, onde se aprendem algumas profissões, praticamente não há mulheres. Nessas escolas, em 1958, formaram-se 47.440 homens e apenas 300 mulheres. Isto passa-se em todos os graus de ensino: nos Liceus, nas Escolas Normais, nas Universidades. A maior parte dos analfabetos são mulheres.

Todas estas condições de vida, agravadas pela discriminação de que é vítima, levam muitas vezes a mulher a praticar a prostituição, vendendo o seu corpo para não morrer de fome. Não é como dizem os burgueses e os colonialistas que elas não querem trabalhar. Não! Elas prostituem-se porque não têm outras possibilidades de ganhar dinheiro.

No aspecto político, segundo as leis do Estado, as mulheres francesas têm os mesmos direitos que os homens. Na realidade, isso não corresponde à verdade. A percentagem das mulheres, trabalhando nas diversas funções do Estado, é muito baixa. Na Assembleia Nacional, entre mais de 600 deputados, há somente 6 mulheres: no Senado, entre cerca de 200 membros, há apenas 4; nas Comissões do Parlamento, não há nenhuma mulher.

É assim que a mulher francesa é explorada e oprimida e vítima de discriminação em relação ao homem.

As condições económicas e sociais da mulher são sempre más, em todos os países capitalistas, mesmo os mais desenvolvidos.

Nos Estados Unidos, o país capitalista mais desenvolvido do Mundo, um terço da população activa são mulheres. A discriminação nos empregos é grande: em cada 100 trabalhadoras, em 1959, 30 eram empregadas de escritório, 18 eram operárias, 16 eram serventes, 10 eram criadas, 6 eram vendedoras, 5 proprietárias de terra, 5 quadros superiores e 10 tinham profissões liberais (médicos, advogados, etc). Além disso, verifica-se que de 1940 a 1956, aumentou muito a mão-de-obra feminina nos empregos mal pagos, aumentou só ligeiramente nos quadros das empresas e diminuiu muito nas profissões liberais. Por outro lado, o rendimento médio das mulheres, em cada categoria profissional, é ~~de~~ metade, ou mesmo um terço, dos salários dos homens.

Em resumo, nos países capitalistas a mulher está sujeita a uma situação de exploração constante e de discriminação que impede o seu desenvolvimento.

2 -- Nos países capitalistas sub-desenvolvidos

Nos países sub-desenvolvidos, a situação das massas trabalhadoras é mais dura que nos países desenvolvidos. O imperialismo arranca lucros ainda maiores, à custa da exploração das massas trabalhadoras, que têm um nível de vida muito baixo.

O imperialismo utiliza várias maneiras de dominar os países mais fracos. A mais fácil é a que garante aos capitalistas estrangeiros o domínio económico desses países. Por isso mesmo, o imperialismo impede a independência económica dos mesmos.

É assim que os capitalistas estrangeiros podem impôr a sua vontade, podem impôr as condições de emprego e exploração da mão-de-obra, política fiscal (impostos), comércio exterior (com o estrangeiro), finanças, despesas militares, etc. Quer dizer, dominar completamente todos os sectores em que eles podem tirar o máximo de lucros. Tudo isto é o conteúdo económico do imperialismo.

Nos países sub-desenvolvidos, as condições de vida dos camponeses são péssimas. Eles são privados dos meios e instrumentos de produção, quer dizer: da terra, da água (para as regas), das ferramentas, das máquinas, etc, que pertencem aos capitalistas estrangeiros ou aos grandes proprietários da terra.

Na Turquia, numa população agrícola de 16 milhões de habitantes, perto de 12 milhões possuem somente pequenos pedaços de terra e muitos deles nem sequer têm terras. Quanto aos grandes proprietários e aos grandes agricultores, que constituem 25 % da população rural (camponesa), eles dispõem de 71% das terras de cultivo. No Kénia, um quarto das terras mais férteis pertencem aos colonos europeus, que constituem 1 % da população. Na América Latina, mais de metade de todas as terras pertencem aos latifundiários (grandes proprietários). Estes formam somente 1,5 % do total de cultivadores. Cada latifundiário possui 6000 hectares de terra ou mais.

Nos países sub-desenvolvidos, estas condições económicas são a causa de condições sociais deploráveis, de que são exemplo o número elevado de crianças que morrem à nascença e nos primeiros anos de vida, a sub-alimentação e a fome, as doenças epidemias e o analfabetismo. As estruturas sociais colocam a mulher numa situação de dependência e de grande discriminação em relação aos homens.

Nos países árabes, por exemplo, devido à ignorância, aos costumes sociais herdados do passado e mantidos pelas classes

exploradoras e devido aos preconceitos inspirados pela religião, as mulheres são quase escravas do homem.

Embora não tão graves como nos países árabes, estas condições de dependência em relação ao homem são também grandes em todos os países capitalistas sub-desenvolvidos. Em África, por exemplo, a mulher continua, em geral, nestas condições, porque o colonialismo não contribuiu para a liquidação das estruturas atrasadas da sociedade tribal. A mulher africana vive ainda, muitas vezes, em regime de poligamia e sujeita à obrigação de trabalhar nas terras do marido.

3 - Em Angola

Há países que estão em situação ainda pior que os países sub-desenvolvidos: são as colónias. As colónias sofrem o domínio económico e político directo dum determinado país.

Angola é uma colónia explorada por um país atrasado, Portugal, que abre as portas à exploração imperialista. Portugal infiltra em Angola companhias estrangeiras, partilhando os lucros da exploração que é feita sobre o povo angolano. Ao mesmo tempo, a burguesia portuguesa explora directamente Angola. As riquezas do nosso país estão nas mãos dos estrangeiros que enriquecem à custa do nosso povo, pagando aos trabalhadores ordenados de miséria e impondo em Angola o trabalho forçado. Eles praticam o racismo, dizendo que o nosso povo é inferior, que não tem as mesmas capacidades que os exploradores e, por isso, não pode ter as mesmas condições de vida.

Os dominadores estrangeiros levam da nossa terra o café, o ferro, o petróleo, os diamantes, o algodão, etc, isto é, os produtos que vão fornecer as suas indústrias e criar riquezas nos seus países. Estes produtos que vieram de Angola, entram nas fábricas dos países exploradores e são transformados em artigos diversos, para serem vendidos no mercado capitalista. Os artigos de pior qualidade e que não são aceites nesses mercados são enviados de novo para Angola, para serem vendidos ao nosso povo a preços muito elevados. Quer dizer, aquilo que é da nossa terra e portanto deve pertencer ao nosso povo, serve para enriquecer estrangeiros e para empobrecer o povo angolano.

Se o povo angolano é explorado, como vimos, a mulher angolana ainda é mais.

Portugal é um país dirigido por um Governo fascista que não dá direitos políticos nem civis às próprias mulheres portugue -

sas. A mulher angolana, sujeita a essas mesmas leis e sofrendo ainda por cima a discriminação racial, está numa situação bem mais grave, como vamos ver.

Segundo o censo de população angolana de 1960, Angola tinha 2.371.434 mulheres. No mesmo ano, havia 63.900 mulheres as salarizadas e 912.800 mulheres camponesas, trabalhando nas pequenas lavras das suas famílias. Isto quer dizer que a grande maioria das mulheres angolanas são camponesas; os homens emigram em grande número para as cidades. A agricultura, que sustenta a maior parte do povo angolano, é um trabalho feito pelas mulheres. Por aqui se pode já ver a grande importância que a mulher tem na sociedade angolana.

A mulher que emigra para a cidade ou para as vilas coloniais não tem liberdade de escolha de emprego. Ela é empregada onde os colonialistas vêem mais vantagens. Em troca do seu trabalho, ela recebe um salário muito baixo.

Angola é um país sub-desenvolvido, onde a indústria quase não existe. Havendo pouca indústria, há um proletariado pouco numeroso (à volta de 60.000 operários nas fábricas e oficinas, 33.000 nas minas e algumas dezenas de milhar noutros trabalhos). No entanto, os capitalistas que exploram Angola já começaram a compreender as vantagens de empregar as mulheres em vez dos homens, em certos trabalhos. Em cada 100 trabalhadores angolanos, 7 são mulheres (7%). A grande maioria dessas mulheres trabalhadoras são empregadas na agricultura, nas fazendas dos colonos e nas grandes empresas. Em cada cem mulheres trabalhadoras angolanas, 88 trabalham nessas fazendas (88%).

Como a mão-de-obra feminina é mais barata, os colonialistas procuram, sempre que podem, empregá-la em todos os sectores da agricultura, para receberem maiores lucros. A escolha do café é feita geralmente pelas mulheres que recebem um salário de cerca de metade do dos homens, sendo o destes já muito baixo. No entanto, elas dão o mesmo rendimento e trabalham as mesmas horas. Os colonialistas têm todo o interesse na mão-de-obra feminina, pois é à custa dos baixos salários que eles aumentam as suas riquezas e os seus lucros.

Para melhor explorarem o nosso povo, os colonialistas portugueses mantêm-no na ignorância, não lhe permitindo que ele se eduque. Por isso, a ignorância do povo é uma consequência da exploração estrangeira.

Em Angola, como em todos os países dominados por outros, há uma grande percentagem de analfabetos. Angola é dominada por Portugal, onde cerca de metade da população é analfabeta. Claro que se o analfabetismo é tão grande em Portugal, em Angola ele é muito maior. 97% da população angolana é analfabeta. Quer

dizer, em cada 100 angolanos só 3 sabem ler; mas dentro da população angolana, a mulher é ainda mais prejudicada. A taxa de analfabetismo, no que respeita às mulheres africanas em Angola, é de 99,8%. Quer dizer: em cada 1.000 mulheres só duas (2) sabem ler. É preciso ver ainda que a quase totalidade das mulheres que sabem ler vivem nas cidades; pode assim dizer-se que em todo o mato não há mulheres alfabetizadas. A ignorância é um meio de que se servem os colonialistas e imperialistas para melhor explorar os povos.

No que respeita a assistência médica, também o povo angolano está em condições terríveis. Em Angola, o número de médicos é baixíssimo e mesmo os que existem são para servir principalmente a população branca. Os médicos estão quase todos nas cidades e o mato quase não tem assistência médica, embora seja no mato que vive a maioria da população angolana.

Há em Angola 1.100.000 mulheres dos 15 aos 44 anos de idade, podendo portanto ter filhos. No entanto, em 1962 só havia 35 maternidades e 62 parteiras, as quais servem sobretudo os europeus. Essas maternidades existem só nas principais cidades de Angola. Como a maior parte das mulheres angolanas vive no mato, elas não têm assistência nenhuma. É por isso que um grande número de bebés angolanos morrem ao nascer. Já durante a gravidez, as mulheres não são tratadas como deve ser, pois há poucos médicos e as consultas e medicamentos são caríssimos.

Além da falta de assistência médica, há ainda outras coisas a considerar; quando a mulher está grávida, precisa de uma alimentação especial, de repouso, de medicamentos vitaminados, para que, quando o seu filho nascer, tenha condições para sobreviver. Mas a mulher angolana não tem nada disso. Ela trabalha sempre até o fim da gravidez e a sua alimentação é sempre igual. Não tem descanso, assim como não tem condições económicas para comprar a tal alimentação e medicamentos de que precisa.

É assim que os colonialistas exploram as mulheres angolanas. Condenam-nas a uma vida de miséria e de ignorância, para poderem aumentar as suas riquezas, levar uma vida de luxo na nossa terra e enviarem para Portugal o dinheiro ganho com esta exploração, para aí construírem grandes prédios, fábricas, etc.

4 - Nos países socialistas

Vejamos agora a situação da mulher nos países socialistas. Nestes países elas contribuem para o desenvolvimento da sociedade (tanto no aspecto económico como político e cultural). Por e

xemplo, na União Soviética, o país socialista mais desenvolvido do Mundo, a participação da mulher no trabalho social é dada pelo seguinte mapa:

Ramos de actividade	Em 100 pessoas
Agricultura	58 mulheres
Indústria textil	85 "
Metalurgia	15 "
Tipografia	70 "
Agronomia	41 "
Engenharia	32 "
Medicina	74 " (a)
Veterinária	31 "
C.T.T.	78 "
Literatura e Imprensa	46 "
Cultura	69 "
Ensino	69 "

Nota (a): Nos Estados Unidos, país capitalista mais desenvolvido do Mundo, em 100 médicos somente 7 são mulheres.

A saúde pública é uma das maiores preocupações dos países socialistas. Por isso, eles constroem muitos hospitais e formam um grande número de pessoal especializado. Além disso, a assistência médica nesses países é gratuita. Assim, a mortalidade é muito menor do que nos países capitalistas, sobretudo entre as crianças e recém-nascidos. Em 1961, a mortalidade na União Soviética era a mais baixa do Mundo.

Por outrolado, enquanto nos países capitalistas uma grande parte da população é analfabeta, nos países socialistas quase não há analfabetos. Na União Soviética, em 1961 - 62, em cada 100 alunos, 49 eram raparigas, quer dizer, metade dos estudantes eram raparigas. No entanto, antes da Revolução, as raparigas constituíam somente um terço do número dos alunos. No Ensino Superior, as mulheres têm também a mesma frequência que os homens.

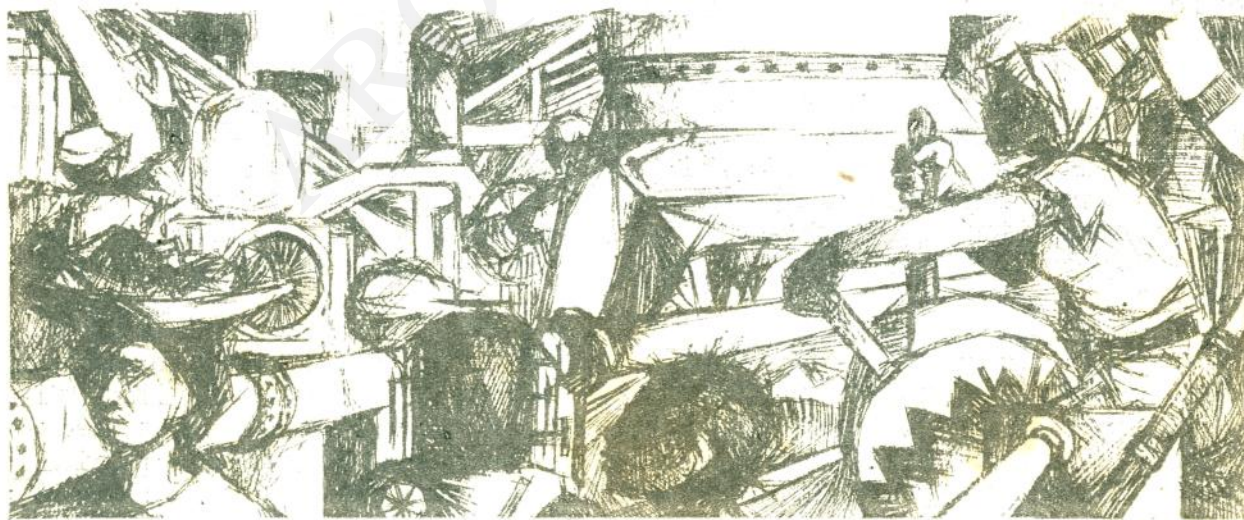
Nos países socialistas, as mulheres estão a fazer cada vez mais trabalho intelectual, e fazem cada vez menos trabalhos físicos e manuais porque a indústria se desenvolve constantemente e muito rapidamente. As máquinas vão-se tornando mais especializadas e evitam que o trabalhador empreue a sua força. Antes da Revolução, quase todas as mulheres só faziam trabalho físico. Por isso, a Revolução trouxe às mulheres grandes benefícios.

Nos países socialistas, as mulheres, quando têm filhos pequenos, podem deixá-los em creches e jardins-escolas, onde eles são bem cuidados e tratados. Deste modo, elas podem ir tranquilamente para os seus empregos. Em 1961, havia na União Soviética uma creche para cada 4.100 habitantes. Como vimos atrás, na França, país capitalista, havia uma creche para 100.000 habitantes.

O Vietnã do Norte é também um país socialista, onde as mulheres têm os mesmos direitos políticos, económicos e sociais que o homem. Este país travou uma dura e longa guerra contra a França, que era ajudada pelo imperialismo americano. No entanto, apesar das condições materiais em que se encontrava, o povo vietnamita conseguiu a vitória final. As mulheres participaram ao lado dos homens em todos os aspectos da luta, com grande firmeza e coragem. Quando o país foi libertado do domínio imperialista, as mulheres também participaram na construção e desenvolvimento do país. Foi assim que conseguiram a sua emancipação ou seja a igualdade em relação ao homem.

Mais de 60 % das mulheres vietnamitas trabalham nas empresas agrícolas colectivas do país. Na agricultura, em dez províncias do Vietnã do Norte, 2.500 mulheres são membros dos órgãos de direcção. E 4.800 são chefes de grupo ou adjuntas.

Hoje, que o país é bombardeado pela aviação dos imperialistas americanos, a mulher fica na fábrica, enquanto os homens partem para o treino militar. Elas fazem também parte das milícias socialistas, manejando as armas anti-aéreas e ocupando-se de todos os serviços de saúde da população.



Conclusões

- 1 - Pelo que vimos, nos países capitalistas desenvolvidos e sub-desenvolvidos, as massas trabalhadoras são aproveitadas com um único fim: enriquecer a classe burguesa. Esta classe mantém os trabalhadores como escravos, explorando-os ao máximo. A mulher é quem mais sofre com esta situação, dada a condição de inferioridade a que está submetida.
- 2 - A situação das massas trabalhadoras nas colónias é ainda pior, pois estes países estão sujeitos à exploração directa do capitalismo estrangeiro. Angola, que ainda se encontra nesta situação, sofre a exploração de Portugal que é um país sub-desenvolvido. Deste modo, a situação da mulher angolana, como a da mulher das outras colónias, é semelhante à da dos países sub-desenvolvidos, mas ainda mais grave.
- 3 - A exploração de que as massas trabalhadoras são vítimas nos países capitalistas desenvolvidos e sub-desenvolvidos é uma das causas da Revolução das massas populares. A mulher só se poderá emancipar lutando ao lado do homem, para fazer avançar a Revolução contra os exploradores de toda a ordem. Só o triunfo de uma Revolução que destrua as estruturas económicas e sociais que impedem o progresso, poderá permitir e garantir a emancipação das classes oprimidas e, por consequência, da mulher.
- 4 - Por outro lado, vimos que nos países socialistas as massas trabalhadoras não são exploradas. Elas não trabalham para o enriquecimento de uma burguesia, mas sim para o enriquecimento e progresso da Nação, que elas próprias dirigem. As mulheres têm os mesmos direitos que os homens e participam igualmente no progresso e no desenvolvimento do seu país.

segunda parte:

PARTICIPAÇÃO ACTIVA DA MULHER NA REVOLUÇÃO,
ÚNICO MEIO PARA A SUA EMANCIPAÇÃO

Com o aparecimento de novas sociedades mais avançadas, a mulher foi tomando consciência do seu estado de atraso e começou a lutar pela sua emancipação.

Esta luta só tem dado resultados notáveis nos países que fizeram uma verdadeira Revolução.

Através da História de Humanidade, em todos os Movimentos de oprimidos, encontramos a mulher trabalhadora dando a sua participação. As mulheres trabalhadoras, as mais oprimidas de todos os oprimidos, não podem ficar fora dos Movimentos de Libertação. Nos antigos Movimentos de Libertação de escravos, houve centenas de milhar de mártires e heroínas. Assim, é normal que no movimento revolucionário da classe operária, o mais poderoso dos movimentos libertadores, participem milhões de mulheres trabalhadoras.

O Dia Internacional da Mulher uniu ainda mais a luta das mulheres de todo o Mundo à luta da classe operária. As mulheres do campo, as operárias e outras trabalhadoras, são uma força importante na luta da classe operária e também nas lutas de libertação dos povos dominados pelo colonialismo. Se não contarmos com essa força, não poderemos dar à Revolução todo o seu valor. Ajudar a formação ideológica e cultural da mulher é, pois, uma das tarefas essenciais que nos impõe a Revolução Angolana.

1 - A luta da mulher é uma luta universal

Depois de tudo o que vimos atrás, ficamos com uma ideia geral das razões por que a mulher é tão explorada.

Nos países capitalistas, a exploração aumenta de dia para dia; nos países socialistas, as mulheres têm já todas as condições para a sua total emancipação. Como foi isto possível? Isto foi possível porque estes países fizeram a Revolução, onde a mulher participou activamente.

Foram precisos no entanto muitos anos para conseguirem obter uma verdadeira consciência revolucionária. Essa consciência revolucionária foi conseguida pouco a pouco, em lutas que se vêm travando desde há muitos séculos.

Na Europa antiga, as mulheres participaram nas lutas dos camponeses contra os grandes senhores, donos das terras. Mas as mulheres não estavam ainda organizadas.

Mais tarde, em 1789, durante a Revolução Francesa, as mulheres tiveram já uma grande participação, embora desorganizadamente. Mas não era a Revolução Francesa que podia permitir a emancipação da mulher. Esta Revolução foi dirigida pela burguesia contra a aristocracia, para lhe tomar o poder e instalar o regime capitalista.

No entanto, já neste mesmo século (XVIII), as lutas das mulheres conheceram um grande desenvolvimento. Existiu em França uma mulher chamada Olympe Gouges que deu um grande impulso a esta luta. Reclamou direitos iguais para a mulher, incluindo o direito de voto, criou organizações femininas, etc. Olympe Gouges foi assassinada. A heroína francesa, antes de morrer, disse: " Se a mulher tem o direito de subir à guilhotina, ela tem o igual direito de subir à tribuna".

Foi o contacto crescente entre as mulheres, principalmente as trabalhadoras que sofriam a mesma exploração, a mesma miséria e os mesmos sacrifícios, que lhes permitiu unirem-se e organizarem-se, entrando numa nova fase de luta: a luta organizada.

Em todos os países capitalistas, a mulher ia colaborando em movimentos organizados: manifestações, greves, etc. Ao mesmo tempo, apareciam numerosas organizações femininas. Em 1865, foi criada por Louise Otto a Associação Geral das Mulheres Alemãs. Nos Estados Unidos, foi fundada em 1869 a National Woman Suffrage Association. As dinamarquesas, em 1871, criaram a Associação das Mulheres Dinamarquesas. Também no século XIX, a Noruega, a Suécia e a Finlândia fundaram as suas organizações femininas. As mulheres francesas fundaram em 1901 o Conselho Nacional das Mulheres Francesas, dirigido por Sarah Monod.

Nos fins do século XIX e princípios do século XX, surgiu na Alemanha uma grande militante e heroína, chamada Rosa Luxemburg. Foi um dos primeiros fundadores do Partido Comunista alemão e um dos seus principais dirigentes. Esta dirigente do proletariado alemão foi a primeira pessoa que analisou a transformação do capitalismo em imperialismo. Rosa Luxemburg foi assassinada, depois da Primeira Guerra Mundial, pelos reaccionários.

Na mesma época, distinguiu-se na luta do proletariado alemão outra grande militante, Clara Zetkine. Ela afirmava que não podia haver Revolução Socialista se a maioria das mulheres trabalhadoras não tomasse parte nela.

Em 1917, o proletariado russo fez a primeira Revolução Socialista do Mundo: a Revolução de Outubro. As mulheres tomaram parte activa nesta Revolução, tratando dos feridos, abastecendo as tropas, fazendo serviços secretos, fazendo parte das milícias operárias e do Exército Vermelho.

Na China, nos fins do século XIX e princípios deste, viveu Hsiang King-yu, uma grande militante revolucionária que deu a sua vida à luta contra o feudalismo e o imperialismo, integrando a luta das mulheres na luta do povo. Para isso, propôs que o movimento feminino fosse integrado no conjunto do movimento político. Além disso, Hsiang King-yu apelou às mulheres de todo o mundo, para que apoiassem os movimentos de independência nacional dos países mais fracos. Esta heroína, membro do Comité Central do Partido Comunista Chinês, foi presa, torturada e executada em 1928.

Hoje, a mulher combate em todas as frentes de luta. No Vietnã do Sul, o comandante-adjunto do Exército revolucionário sul-vietnamita é uma mulher.

Actualmente existe a Federação Democrática Internacional Feminina (FDIF), criada em 1 de Dezembro de 1945 e que agrupa as organizações progressistas femininas de todo o mundo.

Em 1963, houve um Congresso Mundial das Mulheres, onde Angola esteve representada através da sua organização feminina, a OMA. Este Congresso decidiu a acção em comum de todas as mulheres pela conquista e defesa dos seus direitos de cidadãs, de mães, de trabalhadoras, pela protecção das crianças, pela garantia da paz e democracia e pela independência nacional. Neste Congresso estavam mulheres de 113 países, sem distinção de raças, nacionalidade ou religião.

2 - A militante revolucionária

Hoje, o imperialismo é o maior inimigo dos povos de todo o mundo. Baseado na exploração do homem pelo homem, impede a verdadeira libertação dos povos e faz guerras coloniais, em toda a parte.

Todas as mulheres conscientes da presença do imperialismo sabem que, para combatê-lo, devem entrar em organizações ou em movimentos políticos. É com esta integração que se formam as militantes.

A militante revolucionária é a mulher que se engaja na luta revolucionária, dando a sua contribuição para transformar a

sociedade, quer dizer, ajudar a destruir a sociedade exploradora e substituí-la por uma outra onde não haja exploração do homem pelo homem, onde as riquezas pertençam ao povo.

A militante é a mulher que, com trabalho e modéstia, dedica a vida à luta do seu povo. Militante é aquela que consegue sobrepôr a luta revolucionária aos seus próprios interesses; quer dizer, considerar a Revolução e o trabalho mais importantes que a sua própria pessoa, evitando portanto que os seus problemas prejudiquem o trabalho revolucionário.

Para ser boa militante, não basta fazer as tarefas políticas. Há pessoas que são politicamente capazes, mas na sua vida privada são desonestas e egoístas. Para ser uma boa militante, ela tem que ser honesta, trabalhadora e generosa, tanto no seu trabalho político como na sua vida privada.

A militante é a mulher que, a todo o momento, procura despertar o interesse pela luta revolucionária nas pessoas que vivem à sua volta (pessoas de família, vizinhos e colegas de trabalho). Este é um trabalho longo, onde é preciso empregar toda a paciência e dedicação.

Por vezes, a militante casada tem sérios problemas de família: se o seu companheiro não é militante como ela, terá que ajudar a compreender as razões da luta e interessar-se por esta, a compreender os direitos da mulher e os seus deveres na luta. Ela terá que ser muito paciente, pois não é de um dia para o outro que se pode transformar e modificar a ideia errada de que a mulher é feita principalmente para o lar.

Elas, entretanto, vão havendo reuniões, greves a organizar, manifestações, etc. A militante, apesar do trabalho de casa e profissional, as dificuldades que tem com o companheiro e com os filhos que não tem a quem deixar, tem de estar presente; presente, mesmo com os filhos nos braços. Nada impedirá esta militante de cumprir as suas tarefas, dedicadamente, sacrificando-se pela luta do seu povo, sem pedir nem exigir nada para si.

A militante tem necessidade de aprender continuamente. Os ensinamentos que a militante tira da prática revolucionária devem ser aprofundados através do estudo das teorias revolucionárias.

É com o trabalho revolucionário, o estudo e o contacto com os camaradas que ela, um dia, se for presa, sentirá que não está só: não é uma simples militante que foi encarcerada e torturada mas todo um povo, e isso ajudá-la-á a ter coragem e a manter-se firme.

Depois, quando voltar à luta, continuará mais forte do que

antes. A boa militante, o bom militante, não desistem diante de dificuldades e recomeçarão sempre que for preciso. Recomeçarão, como sempre, fazendo desde os trabalhos manuais mais simples aos trabalhos mais complicados, até onde a sua instrução e cultura lhe permitirem, dando a sua colaboração onde ela for mais útil.

3 - O papel da mulher na Revolução

A mulher pode ter um papel de uma importância extraordinária no desenvolvimento do processo revolucionário. Em muitos países ainda não verdadeiramente libertados, pensa-se que a mulher é um ser fraco e com poucas possibilidades. Esta maneira de ver é devida à situação actual da mulher nesses países, situação de atraso e de inferioridade. O desprezo pela mulher é uma arma dos exploradores virada contra o povo.

No entanto, a mulher é uma camarada, capaz de lutar e trabalhar como o homem. Ela pode ser menos forte mas não menos resistente e pode, como o homem, desempenhar tarefas revolucionárias de toda a espécie.

A mulher pode ser orientada em tarefas de várias ordens. Quais são as formas de participação da mulher dentro da Revolução? São várias e dependem do grau das suas consciência política e educação ideológica.

a) Formação da consciência política da mulher

Há um despertar da consciência perante os acontecimentos, mesmo antes de se conhecer a razão deles. Na base desse despertar, há muito de sentimento. Por exemplo: uma mulher cujo marido é preso ou morto pelos colonialistas não se lamenta apenas; fica indignada e começa a sentir revolta. A seguir a essa primeira fase, vem uma outra - desejo de fazer qualquer coisa contra o inimigo, desejo de ajudar os que lutam. Nesta fase, embora desejemos, não sabemos por onde começar nem o que fazer. Mas a vontade de lutar leva a descobrir que se podem fazer tarefas simples mas que são úteis. Dentro de uma Revolução, todas as tarefas são necessárias:

- esconder um militante;
- orientá-lo se ele está perdido;
- dividir com ele a comida;
- tratar-lhe os ferimentos;
- dar-lhe informações;
- etc.

Pelas ajudas que presta, pela sua dedicação, pelas tarefas que faz, uma mulher vai-se tornando cada vez mais capaz para a luta. Um momento virá em que será integrada num movimento político ou ela própria fará organizações locais com as outras mulheres.

Dentro da organização ou na luta do dia-a-dia, vai adquirindo cada vez mais consciência política. Por outro lado, a educação política que receberá fará aumentar as suas qualidades de militante.

Uma das grandes tarefas da Revolução é a propagação das ideias revolucionárias, a agitação. É com a propagação das ideias revolucionárias que a militante compreende mais profundamente as razões da luta e aprende a maneira de lutar melhor. Ela faz a sua educação, aprendendo as teorias revolucionárias e fazendo as tarefas necessárias ao desenvolvimento da própria Revolução.

b) O papel da militante revolucionária

Durante séculos, a mulher foi oprimida e viveu afastada de todas as actividades sociais e políticas. Este afastamento levou-a a um atraso em relação ao próprio homem. A diferença social entre o homem e a mulher tornou-se enorme. A mulher encontrou-se numa fase de ignorância e de timidez em relação a problemas de todo o género.

A mulher tem as mesmas capacidades que o homem e tem o seu papel, quer dentro de uma Revolução, quer na construção de uma sociedade nova. A mulher deve trabalhar ao lado do homem. Deve fazer com ele um trabalho comum, mas só o pode fazer se estiver preparada politicamente.

Só o trabalho, a consciência política e a militância, o tomar parte activa numa Revolução, pode resolver o problema da mulher. Esse problema nunca poderá ser resolvido no ambiente fechado da casa. Exemplos concretos já nos foram dados pelas mulheres cubanas, russas, vietnamitas, chinesas, etc.

O papel da militante revolucionária é então o de trabalho constante para a Revolução. As tarefas que podem ser feitas são numerosas. Vejamos alguns exemplos:

I - observação e informação : A informação é um dos mais preciosos auxiliares das forças combatentes, quando é correcta. A informação pode ser espontânea, fornecida pelos habitantes duma região às forças nacionalistas. Mas a informação deve ser perfeitamente organizada. Este serviço de informação deve es-

tar directamente em contacto com a frente inimiga. Sobretudo as mulheres devem aí infiltrar-se, estar em contacto permanente com os soldados inimigos e ver tudo o que se passa. Mesmo quando é difícil o acesso às zonas inimigas, torna-se mais fácil para as mulheres, sempre menos suspeitas, podendo fingir que vão buscar água, lenha, vender frutos, etc.

A informação permite conhecer o local onde se encontra a tropa inimiga e o local onde ela vai atacar. Assim, torna-se mais fácil para as nossas tropas fugir do inimigo e atacar por sua vez no lugar onde ele menos espera.

II - agente de ligação : A mulher agente de ligação tem muito mais possibilidades de levar a sua tarefa até ao fim do que o homem. A presença dela chama muito menos a atenção e inspira muito menos desconfiança ao inimigo.

Ela pode transportar objectos de um certo volume (mesmo armas e munições), escondendo-os nas roupas.

O trabalho de ligação entre as diversas forças combatentes, sobretudo em zona inimiga, onde se pode ser revistado, é dos mais importantes. O transporte de mensagens e objectos de pequeno volume mas de grande importância pode ser feito pelas mulheres, utilizando mil maneiras. Na Argélia, por exemplo, há casos de mulheres que foram completamente revistadas. O inimigo deixou-as passar porque nada conseguiu encontrar. As mensagens eram importantes e chegaram ao seu destino, porque estavam muito bem escondidas, muitas vezes no próprio corpo dos agentes de ligação.

III - assistência : As mulheres podem trabalhar na recolha de roupa, de dinheiro, de medicamentos, de alimentação, seja para os militantes, para as forças nacionalistas, seja para as vítimas da repressão.

As mulheres têm também um papel importante como auxiliares de enfermaria, como enfermeiras ou médicas.

A alfabetização e o ensino feitos aos camaradas de luta e às populações é um trabalho muito útil.

A OMA faz este trabalho em Angola, tal como nos outros países foi feito e ainda se faz pelas organizações femininas.

IV - educação política e propaganda : A propaganda mais eficaz é aquela que toca a maneira de sentir do próprio povo. Esta propaganda deve ser feita o mais profundamente possível e por meios apropriados: em conversas, panfletos, reuniões, jornais, boletins, rádio e livros.

Estas formas de fazer propaganda servem para dar uma orientação ideológica, notícias sobre a luta, exemplos de coragem e de luta das massas populares ou de militantes face ao inimigo, acontecidos em todo o país.

V - abastecimento e apoio às forças armadas : Uma das tarefas mais importantes da mulher militante é a colaboração directa com as forças armadas nacionalistas.

Uma vez, durante a guerra de libertação argelina, num combate entre guerrilheiros e as forças colonialistas, estas deixaram muitas armas no terreno. Uma mulher que vivia na montanha veio ao local do combate, apanhou as armas e guardou-as num buraco que cavou na sua casa. A tapar o buraco, colocou um fogareiro, onde começou a cozinhar. Os militares colonialistas viam fazer uma busca e encontraram-na cozinhando tranquilamente. Eles bem procuraram, mas vendo a tranquilidade da mulher, pensaram que não havia nada de suspeito e partiram. Dias depois, essas armas estavam em poder dos guerrilheiros.

Uma outra militante argelina, em casa da qual se fazia uma reunião, sentiu que os soldados colonialistas franceses se aproximavam. Escondeu os camaradas num subterrâneo da casa. Envolveu a barriga em trapos e pôs-se a gritar, fingindo que estava em trabalho de parto. Quando os militares chegaram, pensaram que o ruído que tinham ouvido eram os gritos da mulher. Foram-se embora. Pela iniciativa e coragem desta mulher, salvaram-se os militantes que estavam escondidos.

VI - na luta armada : Em todas as verdadeiras revoluções, mais tarde ou mais cedo, as mulheres acabam por participar na luta armada. Vários exemplos nos mostram que a mulher é uma guerrilheira tão capaz como o homem, embora possa ter tarefas próprias dentro da luta armada.

As militantes revolucionárias do Vietnam têm um papel importante na guerrilha do país. Elas fazem ciladas aos soldados imperialistas. Estes, pensando que é fácil apanhar mulheres, correm atrás delas, caindo em armadilhas que elas prepararam anteriormente. Em seguida, as mulheres apanham as armas que os inimigos abandonaram. Estas acções provocam graves perdas aos imperialistas e contribuem para o avanço da Revolução.

CONCLUSÕES

Em todo o Mundo, como vimos, a mulher luta contra a exploração e pela sua emancipação. São diversas as formas de participação da mulher nessas lutas, onde ela ajuda os seus povos a vencer a repressão e a construir novas sociedades.

A mulher angolana que participa cada vez mais na luta de libertação do seu país, e se encontra organizada na OMA, tem, como todo o revolucionário, um só desejo ardente - a Libertação de Angola.

As camaradas angolanas podem fazer tudo o que já se fez noutros países e ainda encontrar novas possibilidades. Nunca esquecerão, no entanto, que a questão da mulher é um dos aspectos da questão social que ocupa todos nós. Ela só encontrará a sua solução definitiva na resolução das contradições sociais e no desaparecimento dos males que daí resultam. Não se pode fazer uma Revolução sem mulheres; e para que as mulheres participem conscientemente numa Revolução, é preciso politizá-las e fazê-las participar em pé de igualdade com o homem.

Por isso, hoje, na nossa luta de libertação, as mulheres angolanas são guerrilheiras, são enfermeiras, abastecem as forças militares do MPLA, ensinam a ler, fazem politização, participam em vários sectores da luta angolana. A mulher angolana tem dado inumeras provas - muitas das quais ainda não são conhecidas ou não foram faladas.

Mas a luta da mulher angolana não é só de hoje. Ela vem lutando desde há séculos contra o colonialismo português. Na nossa História há grandes revolucionárias como a Rainha JINGA MBANDI, a quem foi dedicado o poema que se segue, da autoria de uma revolucionária cubana, durante a Conferência Tricontinental de Havana:



JINGA MBANDI, PRIMEIRA GUERRILHEIRA

Através dos séculos,
através dos tempos,
hoje vim a conhecer teu nome.
Quão longe e quão perto!
Que murmúrio terrível
me chega
dos mortos sepultados
na tua terra.
Que tam-tam de tambores
aguerridos
se manteve até hoje
nas tuas fronteiras.

Jinga Mbandi,
heroica guerrilheira!

O teu povo era então o dono
das praias,
da montanha,
da selva ignota,
que ouviam canções,
que sentiam o andar leve
dos pés nus,
que recebiam a humidade do mar,
a luz jubilosa da estrela.

Jinga Mbandi,
primeira guerrilheira!

Em breve chegou a sombra
e a tua história se fez.
O branco no negro,
o massacre, a opressão,
o sangue
e as lágrimas...
A morte
na silhueta dos barcos
que chegavam carregados de guerra
e logo partiam
carregando teus irmãos,
arrancando os filhos
à tua pátria,
levando-os,
nos pés grilhetas,
para outras terras.

Jinga Mbandi,
heroica guerrilheira!

Hoje o protesto continua.
Com mais força,
punhos erguidos perguntam
e em muitas terras
encontram a resposta:
arma nas mãos
no peito uma couraça,
peito e arma
contra as balas inimigas.
E que mais?
Liberdade.
Liberdade depois de tudo.
Em tudo, liberdade.

É um só o caminho,
e o teu povo
começou já a percorrê-lo.

Jinga Mbandi,
primeira guerrilheira!

Havana, Setembro de 1965

ANISIA MIRANDA

I N D I C E

PREFÁCIO	1
A MULHER NA SOCIEDADE ACTUAL	3
1 - Nos Países capitalistas	4
2 - Nos Países capitalistas sub-desenvolvidos	7
3 - Em Angola	8
4 - Nos Países Socialistas	10
CONCLUSÕES	13
PARTICIPAÇÃO ACTIVA DA MULHER NA REVOLUÇÃO, UNICO MEIO PARA A SUA EMANCIPAÇÃO	15
1 - A luta da mulher é uma luta Universal	15
2 - A militante Revolucionária	17
3 - O papel da mulher na Revolução	19
a) Formação da consciência política da mulher	19
b) O papel da militante Revolucionária	20
CONCLUSÕES	23
POEMA	25

CENTRO DE ESTUDOS ANGOLANOS
20, Av. Dujonchay - ALGER